

## **A QUARENTENA: IMAGENS DA DESUMANIZAÇÃO NO ROMANCE ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA**

DE BASTIANI, C. A. (graduação em Letras Português Espanhol/Unioeste) SILVA, R. C.

M. (Prof<sup>a</sup> Orientadora/Unioeste)

**RESUMO:** O romance “Ensaio sobre a Cegueira”, de José Saramago, narra um acontecimento inusitado e apavorante: uma sociedade indeterminada é atingida por um surto de cegueira branca. Sem conseguir encontrar explicações e soluções para o problema que se alastra rapidamente, as autoridades ordenam que todos os cegos ou possíveis contaminados sejam enviados a um antigo e desocupado hospício para que fiquem de quarentena. A partir deste ponto, Saramago coloca o leitor perante situações de desumanidade, crueldade e abandono, mas também de compaixão e solidariedade. Esta comunicação se focará especificamente nessas situações, mostrando-as como situações-limites impostas pelo significado da quarentena e pelas conseqüências que ela acarretou para as personagens do romance. Este estudo se baseia no fato de que, devido ao romance ser contemporâneo e de um autor português, quase não há trabalhos voltados para a essa temática que, acredita-se, ser de fundamental importância para que se possa entender as relações dos indivíduos com as instituições detentoras de poder e autoridade.

**PALAVRAS-CHAVES:** Saramago; Antropologia da Arte; Crueldade.

### **DESUMANIZAÇÃO E CRUELDADE**

No romance “Ensaio sobre a Cegueira”, a quarentena é apresentada na 47<sup>o</sup> página, quando os primeiros cegos foram sendo enviados para um manicômio até que o governo e os médicos especialistas achassem respostas para a nova doença, deixando assim o restante da população livre de contaminação.

Segundo o Aurélio (2006, p.670), quarentena significa “*sf. Med.* Período, outrora de 40 dias, durante o qual indivíduos expostos a doença contagiosa grave permanecem isolados, para confirmar se têm ou não a doença, impedindo assim sua disseminação”. Quando esta surgiu, sua real finalidade era a descrita pelo Aurélio: evitar que pessoas saudáveis fossem contaminadas enquanto não fosse descoberta a cura para determinadas doenças. Porém, com o tempo, ela foi adquirindo outras funcionalidades. Uma delas, reunida a outras, resultou na construção dos hospitais.

O hospital, que antes era visto como lugar de ajuda, em que as pessoas se apresentavam para curar ou encontrar solução para seus problemas físicos, passou a ser visto como um lugar de exclusão: retira-se o doente da sociedade, coloca-o numa instituição de saúde e deixa-o o tempo

necessário para que morra ou que seja determinado que deve morrer, evitando assim a contaminação e proliferação de doenças perigosas. Segundo Foucault,

(...) como doente, portador de doença e de possível contágio, é perigoso. Por estas razões, o hospital deve estar presente tanto para recolhê-lo, quanto para proteger os outros do perigo que ele encarna. O personagem ideal do hospital, até o século XVIII, (...) é alguém a quem se deve dar os últimos cuidados o último sacramento (...). E o pessoal hospitalar não era fundamentalmente destinado a realizar a cura do doente, mas a conseguir sua própria salvação... (1979, p.103).

Assim sendo, o doente era visto como um mal a ser erradicado e não mais como humano, com sentimentos e angústias. O trecho abaixo, retirado do romance, trata do discurso do ministro quando determina que os contaminados devem ser enviados à quarentena. Neste momento é possível verificar a frieza com que os cegos são tratados e despidos de sua humanidade.

(...) do que se tratava era de pôr de quarentena todas aquelas pessoas, segundo a antiga prática, herdada dos tempos da cólera e da febre-amarela, quando os barcos contaminados ou só suspeitos de infecção tinham de permanecer ao largo durante quarenta dias, até ver (...). Queria dizer que tanto poderão ser quarenta dias como quarenta semanas, ou quarenta meses, ou quarenta anos, o que é preciso é que não saiam de lá (SARAMAGO, 1995, p.45-46).

Nota-se que a idéia do contaminado como algo a ser eliminado da sociedade torna-se ainda mais evidente na última frase da citação. No momento em que se reafirma que, aconteça o que acontecer, o infectado deverá permanecer em quarentena, independente de quanto tempo e de que forma isso irá se suceder. Nesse momento também os cegos deixam de ser vistos como humanos. São apenas uma doença que deve ser evitada e findada.

No primeiro dia de confinamento, quando só havia cinco cegos no manicômio, uma voz soou nos alto-falantes instalados no local, com o seguinte aviso:

(...) O Governo lamenta ter sido forçado a exercer energicamente o que considera ser seu direito e seu dever, proteger por todos os meios as populações na crise que estamos a atravessar, quando parece verificar-se algo de semelhante a um surto epidémico de cegueira, provisoriamente designado por mal-branco, e desejaria poder contar com o civismo e a colaboração de todos os cidadãos para estancar a propagação do contágio, supondo que de um contágio se trata, supondo que não estaremos apenas perante uma série de coincidências por enquanto inexplicáveis. A decisão de reunir num mesmo local as pessoas afectadas, e, em local próximo, mas não foi tomada sem séria ponderação. O Governo está perfeitamente consciente das suas responsabilidades e espera que aqueles a quem esta mensagem se dirige assumam também, como cumpridores cidadãos que devem ser, as responsabilidades que lhes competem, pensando que o isolamento em que agora se encontram representará, acima de quaisquer outras considerações pessoais, um acto de solidariedade para com o resto da comunidade nacional. Dito isto, pedimos a atenção de todos para as instruções que se seguem, primeiro, as luzes manter-se-ão sempre acesas, será inútil qualquer tentativa de manipular os interruptores, não funcionam, segundo, abandonar o edifício sem autorização significará morte

imediate, terceiro, em cada camarata<sup>1</sup> existe um telefone que só poderá ser utilizado para requisitar ao exterior a reposição de produtos de higiene e limpeza, quarto, os internados lavarão manualmente as suas roupas, quinto, recomenda-se a eleição de responsáveis de camarata, trata-se de uma recomendação, não de uma ordem, os internados organizar-se-ão como melhor entenderem, desde que cumpram as regras anteriores e as que seguidamente continuamos a enunciar, sexto, três vezes ao dia serão depositadas caixas de comida na porta da entrada, à direita e à esquerda, destinadas, respectivamente, aos pacientes e aos suspeitos de contágio, sétimo, todos os restos deverão ser queimados, considerando-se restos, para este efeito, além de qualquer comida sobrando, as caixas, os pratos e os talheres, que estão fabricados de materiais combustíveis, oitavo, a queima deverá ser efectuada nos pátios interiores do edifício ou na cerca, nono, os internados são responsáveis por todas as consequências negativas dessas queimas, décimo, em caso de incêndio, seja ele fortuito ou intencional, os bombeiros não intervirão, décimo primeiro, igualmente não deverão os internados contar com nenhum tipo de intervenção do exterior na hipótese de virem a verificar-se doenças entre eles, assim como a ocorrência de desordens ou agressões, décimo segundo, em caso de morte, seja qual for a sua causa, os internados enterrarão sem formalidades o cadáver na cerca, décimo terceiro, a comunicação entre a ala dos pacientes e a ala dos suspeitos de contágio far-se-á pelo corpo central do edifício, o mesmo por onde entraram, décimo quarto, os suspeitos de contágio que vierem a cegar transitarão imediatamente para a ala dos que já estão cegos, décimo quinto, esta comunicação será repetida todos os dias, a esta mesma hora, para conhecimento dos novos ingressados. O Governo e a Nação esperam que cada um cumpra o seu dever. Boas noites (SARAMAGO, 1995, p. 49-51).

Nessa citação, a idéia da quarentena como capaz de retirar o “mal” da sociedade é reafirmada. Aqueles não afetados pela cegueira estão esperando que a enfermidade acabe para que possam continuar a viver suas vidas. Na narrativa fica bem clara a hipocrisia dos órgãos governamentais. Enquanto o governo quer se mostrar como salvador, quando se referem à proteção e o bem da nação e da comunidade nacional, ao mesmo tempo se mostra tirano, quando deixa claro que qualquer tentativa de ir contra o que foi determinado acarretará em sérios problemas para os internos, podendo até mesmo levá-los a morte.

O que acontece no romance de Saramago não é muito diferente do que foi proposto por Foucault. A princípio, todos os novos integrantes da quarentena foram levados a crer que receberiam a assistência que lhes fossem necessária, três refeições diárias juntamente com artigos de higiene. Porém, com eles, na instituição em que se encontravam, não havia médico, enfermeiro e nem outros prestadores de serviços designados para esses fins. E quando se encontraram dentro das instalações é que puderam perceber que, definitivamente, foram enganados:

(...) Estamos fechados, Vamos morrer aqui todos, Não há direito, Onde estão os médicos que nos tinham prometido, isto era novidade, as autoridades tinham prometido médicos, assistência, talvez mesmo a cura completa (SARAMAGO, 1995, p.73-74).

---

<sup>1</sup> Camarata, no português de Portugal, significa dormitório comum.

Eles próprios sabem nesse momento o que está se passando e temem por suas vidas. Afinal rapidamente perceberam que ninguém arriscaria os olhos e nem a liberdade por eles. Além disso, também compreenderam que são vistos como uma doença e que a sociedade agora espera deles apenas que fiquem confinados onde estão, sem causar nenhum dano a mais ninguém. “(...) provavelmente é disso mesmo que eles estão à espera, que acabemos aqui uns atrás dos outros, morrendo o bicho, acaba-se a peçonha (...)” (SARAMAGO, 1995, p.64).

Essa idéia que se descobre entre os confinados pode parecer cruel à medida que o leitor encontra-se em um contexto que à primeira vista parece inconcebível ou, até mesmo, inimaginável, porém não é novidade entre os estudiosos. Assim como Foucault, Bauman também acreditava nessa teoria.

Para Bauman (1999), quando o outro é entendido como ameaça e fica submetido a situações como a quarentena, passa a não ser mais digno de redenção, alguém que erra e merece uma segunda chance ou que pode ainda ser corrigido. O outro é um “organismo doentio”, que necessita ser exterminado para que “o resto do corpo social possa manter a saúde”, sua aniquilação é uma questão de saúde e higiene. Assim é que surgem os soldados, possuindo um papel importantíssimo na construção da quarentena que é apresentada no romance de Saramago.

No romance, o que separa os infectados da sociedade são soldados que são responsáveis por mantê-los dentro do manicômio, na quarentena, e longe dos portões. Eles cumprem ordens restritas e devem estar sempre preparados para tomar atitudes extremas, caso algum cego aja de maneira inesperada. A partir do momento que estes são vistos como ameaça, os soldados se vêem forçados a tomar atitudes que em outra ocasião seria condenável, assim transformam repentinamente sua conduta e passam a não mais ver o outro como humano, digno de compaixão e ajuda. Agora ele é um inimigo que deve ser mantido à distância e eliminado se preciso.

Estes soldados aparecem ao longo do romance e sempre que surgem possuem algum pensamento, atitude, ideologia que chocam e que colocam o leitor perante o impensável: a desumanização e a falta de moral, que pode ser notado na seguinte passagem do livro:

(...) Muito devagar, no intervalo entre dois ferros verticais, como um fantasma, começou a aparecer uma cara branca. A cara de um cego. O medo fez gelar o sangue do soldado, e foi o medo que o fez apontar a arma e disparar uma rajada à queima-roupa. (...) Achas que o gajo está morto, perguntou o sargento, Tem de estar, apanhou com a rajada em cheio na cara, respondeu o soldado, agora contente pela óbvia demonstração da sua pontaria (SARAMAGO, 1995, p.80-81).

O que está acontecendo neste trecho é que tendo um dos cegos machucado seriamente a perna e tendo os soldados negado o pedido aos outros cegos de dar-lhe remédio, o próprio ferido decidiu conversar com os soldados e pedir-lhes medicação, pois acreditava que estes, vendo a sua situação, ceder-lhes-iam o pedido. Como cego que era, foi andando sem saber em que direção estava e aproximou-se demasiado do portão, resultando em sua morte à queima-roupa. Os soldados, que obedecem a uma ordem superior e querem salvar a própria pele, se vêem obrigados a despir a humanidade do outro. Assim, torna-se mais fácil matar sem nenhum sentimento de culpa.

Ainda sobre a citação anterior, percebe-se que a reação do soldado não é apenas de cumprimento do dever, mas de satisfação e prazer justificado pela boa pontaria. Ao falar com seu superior sobre o tiro que matou o cego, aparece claramente o orgulho que este sente de si mesmo enquanto se vangloria pelo feito e também o orgulho de poder demonstrá-lo a seu superior. Isso pode ser explicado pelo tratamento que os soldados recebem no exército. Eles são levados a crer que sua postura em situações como essa tem papel fundamental no desfecho da história. Há uma supervalorização do indivíduo, para que esse se sinta motivado e faça o que deve ser feito com orgulho e sem remorsos.

(...) Louva-se o soldado por sua determinação diante do inimigo, ou, dizendo de outra maneira, por sua capacidade de matar; o que era proibido em tempo de paz torna-se recomendável durante a guerra. (...) o prazer pelo poder, experimentado por quem o exerce, é a consequência inevitável dessa situação... (TODOROV, 1995, p.145).

O prazer que o soldado sente é o prazer de quem detêm o poder, de quem pode escolher entre quem vive e quem morre, quando e de que forma. Mas isso não ocorre com todos os soldados, na sua grande maioria eles acreditam estar prestando um serviço benéfico à população. Segundo Todorov (1995), os guardas responsáveis por “atrocidades” ainda são capazes de distinguir entre o bem e o mal, mas pensam que as atitudes que tomam perante os confinados é um bem, pois o Estado lhes afirma isso. Ou seja, não é que os soldados tenham perdido a noção de moral, mas agora eles possuem uma nova noção de moral. E, na maioria das vezes, estão mais interessados também em seu bem-estar e como estão ao lado do poder, sabem que estão ainda mais seguros.

Os cegos agora eram vistos não só como ameaça, mas também como inimigos. O que despertavam nos soldados além de medo, era repúdio e desprezo: qualquer ato justificava uma

morte, um massacre, um extermínio. Segundo Bauman (1999), o inimigo torna-se inimigo quando o outro nega o seu direito de ser protegido por mandamentos morais. Assim, o direito do outro de ser protegido é mais importante e esquecer a humanidade do inimigo faz com seja possível agir sem moralidade e sentimento de culpa. Todorov (1995) defende a idéia de que quando os indivíduos são incluídos em uma classe abstrata, torna-se mais fácil “despersonalizá-los”, ou seja, torna-se mais fácil tratar como coisas aqueles que agora são considerados “inimigos do povo”. É mais simples desprender-se da idéia maligna de matar alguém quando este alguém foi julgado ruim o bastante para merecer morrer. Exatamente como ocorreu aos cegos.

(...) A vontade dos soldados era apontar as armas e fuzilar deliberadamente, friamente, aqueles imbecis que se moviam diante dos seus olhos como caranguejos coxos, agitando as pinças trôpegas à procura da perna que lhes faltava. Sabiam o que no quartel tinha sido dito essa manhã pelo comandante do regimento, que o problema dos cegos só seria resolvido pela liquidação física de todos eles, os havidos e os por haver, sem contemplações falsamente humanitárias, palavras suas, da mesma maneira que se corta um membro gangrenado para salvar a vida do corpo... (SARAMAGO, 1995, p.105).

O pensamento dos soldados é também o pensamento coletivo, dos moradores da cidade que, não só ignoram o que está acontecendo aos cegos, mas preferem viver assim, alheios à realidade daqueles, desde que possam viver sem ser por eles afetados. Deste modo, o comodismo é transformado em cegueira. Melhor fingir não ver do que correr o risco de ser contaminado. Quando uma comunidade deixa de se manifestar perante atos de injustiça e crueldade, ela comete crueldade igual ou ainda maior, pois permite que eles aconteçam. “(...) Para que o mal se realize não basta a ação de alguns, é preciso também que a grande maioria fique de lado, indiferente; disso, sem dúvida, somos todos capazes” (TODOROV, 1995, p. 175). Logo, não só os soldados são culpados pelo o que aconteceu durante todo o tempo em que se mantiveram de vigília sobre os portões do manicômio, mas também os moradores da cidade. Ao preferir ignorar aqueles coitados, entregues à própria sorte, demonstrou que o que mais desejavam: que pudessem ser aniquilados e esquecidos de uma maneira definitiva. Assim, não haveria mais com o que se preocupar e nem o que ignorar.

Infelizmente, para os infectados no manicômio, nem sempre a compaixão e outros sentimentos humanitários se encontram presentes. Em algumas situações, esses sentimentos tornaram-se invisíveis ou até mesmo inexistentes, como ocorre quando a própria vida acha-se em perigo. Para o grupo de cegos, seria muito difícil que alguém alheio às suas realidades fossem tocados por esse tipo de sentimentos ou de cuidados. Afinal, como afirma Arendt (1987), tornou-se evidente que a humanidade não é cabível de transmissão e também não pode ser adquirida por

aqueles que não pertencem aos grupos párias, ou seja, aqueles que não se encontram na mesma situação dos excluídos da sociedade.

Essa ausência de sentimentos humanitários deve-se ao fato dos moradores da cidade não conseguirem (e, muitas vezes, nem tentarem) saber o que se passa aos cegos ou, ainda, saber como esses se sentem em relação à situação a que foram submetidos: não se colocarem no lugar do outro e não quererem enxergar seus problemas. A desumanidade é a ausência de qualquer outro sentimento fraternal; a negação do outro, a abstenção do direito à moralidade e também do direito a uma vida digna o suficiente para que seja respeitado.

Para Arendt (1987), a crueldade nada mais é que a antítese da compaixão. A crueldade pode também ser chamada de “um afeto, pois é uma perversão, um sentimento de prazer ali onde naturalmente se sentiria dor”. Segundo Comte-Sponville (1995), “A compaixão é o contrário da crueldade, que se regozija com o sofrimento do outro”. Portanto, é essa crueldade e essa desumanidade que dão significado à metáfora da cegueira que Saramago emprega em seu romance.

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste estudo pode-se concluir que o autor utiliza a metáfora da cegueira, que se alastra sobre os indivíduos de um grande centro urbano moderno, tornando-os cegos rapidamente. Mas não se trata literalmente de uma cegueira física e sim de uma cegueira social e ideológica, provavelmente muito pior que a primeira.

Enquanto explora a maldade que suscita nas pessoas quando suas vidas correm algum risco, o romance transporta o leitor para um mundo em que os indivíduos não se importam com a humanidade do outro, importando-se apenas consigo próprio. De maneira fictícia, estabelece analogias com a concepção de mundo predominante na sociedade atual e que pode ser encontrada em qualquer cidade de qualquer país. A cegueira, que tanto espanto gera em quem lê o livro, é a indiferença que indivíduos permitem e cultivam dentro de si em relação ao outro: o não se deixar tocar pela miséria da criança de rua, o ignorar o mendigo que pede ajuda, o assistir nos telejornais como determinadas regiões e cidades sofrem com a falta de água ou de comida e não se sensibilizam com a triste situação diante a qual estão colocadas. No romance, enquanto os moradores da cidade tentam se livrar da epidemia (e conseqüentemente dos cegos), há várias situações descritas em que os cegos são tratados como coisas, animais ou como inimigos

perigosos e, através dessa despersonalização do humano, a crueldade é experimentada em grande escala por grande parte das personagens do romance, convencendo o leitor de que os indivíduos, quando expostos a situações extremas, parecem perder sua “humanidade”, como também a moral cotidiana, agindo apenas em benefício próprio.

#### **THE QUARANTINE: IMAGES OF DEHUMANIZATION IN THE NOVEL BLINDNESS**

**ABSTRACT:** The novel “Blindness”, from José Saramago, tells an abnormal and terrifying event: a indeterminate society is struck by an outbreak of white blindness. Unable to find explanations and solutions to the problem that is rampant, authorities ordered that all blind or possible contaminated people are sent to an old and vacant asylum to be quarantined. From this point, Saramago puts the reader in situations of inhumanity, cruelty and forsaking, but also of compassion and solidarity. This communication will focus specifically in those situations, showing them as limit-situations imposed by the meaning of quarantine and the consequences it has had for the novel's characters. This study is based on the fact that, due to the novel being contemporary and from a portuguese author, there are almost no essays directed to this theme that is believed to be of fundamental importance so that we can understand the relationships of individuals with the institutions that are detainers of power and authority.

**KEYWORDS:** Saramago; Art Antropology; Cruelty.

#### **REFERÊNCIAS**

- ARENDDT, Hannah. Homens em Tempos Sombrios. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BAUMAN, Zygmunt. Modernidade e Ambivalência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Miniaurélio: o dicionário da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2006.
- FOUCAULT, Michael. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- SARAMAGO, José. Ensaio Sobre a Cegueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- TODOROV, Tzvetan. Em Face do Extremo. Campinas, SP: Papirus, 1995.